

Marcus Garcia de Sene  
Doutor em Linguística e  
Língua Portuguesa – UNESP  
Araraquara. Vice-líder do  
Grupo de Pesquisa VAEL-TL:  
E-mail: marcus.sene@upe.br  
ORCID:  
<https://orcid.org/0000-0002-2715-5294>

Fernando Augusto de Lima  
Oliveira. Doutor em  
Linguística – UFAL. Professor  
Dpto. Língua. Líder do Grupo  
de Pesquisa VAELP-TL - E-  
mail:  
fernando.oliveira@upe.br  
ORCID:  
<https://orcid.org/0000-0001-8739-2825>

Caroline Carnielli Biazolli  
(UFSCar/PPGL). Doutora em  
Linguística e Língua  
Portuguesa – UNESP  
Araraquara. Líder do SOLAR -  
Núcleo de Pesquisas em  
Sociolinguística - Unesp -  
UFSCar (CNPq)  
E-mail:  
caroline.biazolli@ufscar.br  
ORCID:  
<https://orcid.org/0000-0002-8578-8102>

Aldir Santos de Paula  
Doutor em Linguística pela  
UNICAMP E-mail:  
aldir.paula@fale.ufal.br  
ORCID:  
<https://orcid.org/0000-0002-5783-4044>

e-Location: 20889



ISSN: 2317-9945 (On-line)  
ISSN: 0103-6858 (Impressa)

## **Apresentação Dossiê** **"A sociolinguística aplicada à educação: 20 anos da obra 'Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística e ensino' de Stella Maris Bortoni-Ricardo"**

***Presentation: Special Issue "Sociolinguistics applied to education: 20 years of the book 'Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística e ensino' by Stella Maris Bortoni-Ricardo"***

**Marcus Garcia de Sene**  
UPE/Profletras/Garanhuns

**Fernando Augusto de Lima Oliveira**  
UPE/Profletras/Garanhuns

**Caroline Carnielli Biazolli**  
(UFSCar/PPGL)

**Aldir Santos de Paula**  
Universidade Federal de Alagoas

O conjunto de textos que compõe este dossiê inscreve-se no horizonte teórico-metodológico inaugurado por Stella Maris Bortoni-Ricardo em *Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística e educação* (2005), obra que, conforme destaca Souza (2005), estabelece uma inflexão decisiva ao propor uma pedagogia da língua materna fundada na valorização da diversidade linguística, na problematização das desigualdades sociais e na construção de uma educação linguística humanizadora. Ao introduzir conceitos como educação bidialetal, adequação linguística e ressignificação do erro, Bortoni-Ricardo (2005) desloca o ensino de Língua Portuguesa de uma perspectiva normativa para uma abordagem sociocultural, na qual a linguagem é compreendida como prática histórica, identitária e socialmente situada.

Os artigos aqui reunidos não apenas retomam esse programa, mas o ampliam significativamente, ao incorporar novos objetos, metodologias e contextos analíticos, evidenciando que, duas décadas após a publicação da obra, o desafio não reside mais em fazer a variação linguística chegar à escola, mas em compreender como ela tem sido — ou não — efetivamente incorporada às práticas pedagógicas.

Nesse movimento, o artigo “Redes sociais e Sociolinguística: uma revisão narrativa de literatura para a relevância dos conhecimentos sobre variação” tem como objetivo mapear a contribuição da análise de redes sociais para os estudos sociolinguísticos. Metodologicamente, trata-se de uma revisão narrativa de literatura, com base em pesquisas produzidas entre 2019 e 2024, ancorada em Labov (1972), Milroy (1980), Hymes (1971) e Bortoni-Ricardo (2005, 2011). A análise demonstra que a variação linguística se estrutura a partir de vínculos sociais, sendo redes densas e multiplexas responsáveis pela manutenção de formas vernaculares e pela resistência à norma de prestígio. Conclui-se que a compreensão da variação exige considerar a organização social dos falantes, ampliando o escopo da Sociolinguística Educacional ao incorporar dimensões relacionais mais complexas do que aquelas inicialmente sistematizadas por Bortoni-Ricardo.

Essa ampliação teórica encontra concretude empírica no artigo “O paradigma pronominal do português brasileiro e o ensino de língua”, cujo objetivo é analisar as transformações no sistema pronominal do português brasileiro e discutir suas implicações pedagógicas. A metodologia consiste em revisão bibliográfica crítica, articulando tradição gramatical e Sociolinguística Variacionista (cf. Lopes, 2007). A análise evidencia a reconfiguração do paradigma pronominal, com a consolidação de “você” e “a gente”, o uso ampliado de “dele/dela” e a simplificação flexional, fenômenos que refletem reorganizações sistêmicas da língua. Conclui-se que o ensino de gramática permanece dissociado da língua em uso, reiterando um dos problemas centrais já apontados por Bortoni-Ricardo (2005): a escola ignora a gramática do aluno. O artigo, portanto, potencializa essa crítica ao fornecer evidências descritivas atualizadas.

No plano do diagnóstico das práticas escolares, o artigo “Variação linguística no ensino de língua portuguesa: a compreensão de alunos do Ensino Fundamental II” investiga como estudantes compreendem a variação linguística. A pesquisa adota abordagem qualitativa, com aplicação de questionários e análise de conteúdo (Bardin, 2010), fundamentada em Bagno (2002, 2009), Bortoni-Ricardo (2004), Labov (1966) e Faraco (2017). A análise revela que os alunos reconhecem a diversidade linguística e sua presença nos materiais didáticos, ainda que sob influência de valores normativos. Conclui-se que há uma base cognitiva favorável ao trabalho com a variação, o que desloca o problema da aprendizagem para a esfera da mediação pedagógica — deslocamento já sugerido por Bortoni-Ricardo, mas aqui empiricamente demonstrado.

Essa dimensão é aprofundada no artigo “Nossas crenças, ‘nós não mudemos tanto’, e agora?”, que tem como objetivo analisar crenças e atitudes linguísticas de estudantes do Ensino Médio. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa quantitativo-interpretativa, com questionário estruturado em quatro partes,

reorganizado em cinco eixos analíticos e analisado com apoio do software R, com base em Fasold (1984), Barcelos (2006) e Cyranka (2007). A análise evidencia a coexistência de ideologias normativas — que associam escrita à correção e reforçam o papel regulador da escola — com deslocamentos significativos, como a valorização da própria fala e a emergência da adequação como princípio de competência comunicativa. Conclui-se que os estudantes operam em um campo de tensões ideológicas, o que amplia a proposta de Bortoni-Ricardo (2005) ao mostrar que a internalização da norma não é homogênea, mas contraditória.

Essa contradição se evidencia de forma mais contundente nos artigos que analisam documentos e materiais didáticos. O estudo “Por uma pedagogia da variação para a concordância verbal na BNCC” examina criticamente as diretrizes da BNCC (Brasil, 2018). A metodologia baseia-se em análise documental, além de se fundamentar em Vieira (2008, 2017), Faraco (2008), Zilles e Faraco (2017) e Bortoni-Ricardo (2004, 2021). A análise demonstra que a BNCC não operacionaliza a variação linguística no Ensino Fundamental e a aborda de forma limitada no Ensino Médio, tratando-a como ponto de chegada. Sintetiza-se que há um descompasso entre o discurso inclusivo do documento e sua efetivação pedagógica, aprofundando a crítica estrutural já presente em Bortoni-Ricardo (2005).

De modo convergente, o artigo “Variação Linguística na EJA: as abordagens em materiais didáticos à luz da sociolinguística” objetiva analisar o tratamento da variação em materiais da EJA. A metodologia consiste em análise documental orientada por parâmetros sociolinguísticos (Lima, 2002), com base em Labov (2008), Bortoni-Ricardo (2005) e Coseriu (1980). A análise revela ausência ou superficialidade no tratamento da diversidade linguística, além de sua dissociação das práticas de linguagem. A esse respeito, conclui-se que a EJA reproduz o modelo normativo tradicional, limitando seu potencial emancipatório — cenário que evidencia a permanência dos problemas diagnosticados por Bortoni-Ricardo.

No plano da crítica ao conceito de erro, o artigo “Para além do erro e da insuficiência escolar” tenciona discutir a inadequação da escola frente à gramática natural dos alunos. A metodologia articula análise linguística e discussão teórica, fundamentada em Bortoni-Ricardo (2005), Marcuschi (2010), Rojo (2012), Lima (2025) e Mollica (2026). A análise demonstra que fenômenos como “nós” vs. “a gente” e variações em cláusulas relativas são sistemáticos e funcionalmente motivados. Com isso, sumariza-se que a escola erra ao tratar tais fenômenos linguísticos como erros, reafirmando e aprofundando a crítica de Bortoni-Ricardo à “cultura do erro”.

As propostas de intervenção pedagógica, por sua vez, materializam esse deslocamento teórico. O artigo “Da ‘cultura do erro’ à pedagogia da adequação” propõe uma sequência didática baseada na variação linguística. A metodologia apoia-se no modelo de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), com atividades organizadas em diagnóstico, desenvolvimento e produção final, fundamentadas em Bagno (2007, 2013), Faraco (2008) e Bortoni-Ricardo (2004). A análise demonstra que o trabalho com gêneros discursivos permite desenvolver competência comunicativa e consciência

linguística. Conclui-se que a pedagogia da adequação operacionaliza, em termos metodológicos, aquilo que Bortoni-Ricardo propunha em termos teóricos.

O artigo “Formas de tratamento em cartas ao diretor” visa analisar o uso de formas de tratamento na escrita de estudantes. A metodologia baseia-se na análise de 162 cartas, à luz de Labov (2008 [1972]) e Bortoni-Ricardo (2004). A análise evidencia a alternância entre “senhor” e “você”, condicionada por fatores institucionais e sociais. Conclui-se que a variação linguística reflete relações de poder e que seu ensino deve contemplar tais dimensões — ampliando a proposta da Sociolinguística Educacional para o campo da análise discursiva.

Já o artigo “Escrever para resistir: a relação entre linguagem e poder no filme *Narradores de Javé*” objetiva analisar a linguagem como instrumento de poder. A metodologia é qualitativa, de caráter documental, fundamentada em Bourdieu (1989), Bagno (1999) e Bortoni-Ricardo (2004, 2021). A análise evidencia a centralidade da escrita na legitimação social e a tensão entre oralidade e poder simbólico. Com isso, nota-se que o cinema pode ser um recurso potente para discutir variação e desigualdade, ampliando o alcance pedagógico da Sociolinguística Educacional.

Por fim, em “Para além do erro: variação linguística e heterogeneidade na aquisição da escrita, o autor reflete sobre a relevância da variação linguística para a reinterpretação do erro ortográfico no processo de aquisição da escrita, tomando como referência contribuições de Bortoni-Ricardo (2005, 2006) e articulando-as com pesquisas contemporâneas sobre a escrita infantil, desenvolvidas no campo dos estudos da linguagem. Com uma abordagem teórico-analítica, baseada em pressupostos da Sociolinguística Educacional e em pesquisas que concebem a escrita como uma prática social heterogênea e historicamente constituída, a análise qualitativa de uma produção escrita de uma criança, mostra que a coexistência de erros, de acertos e de rasuras na produção escrita infantil é pista inequívoca da natureza processual e heterogênea da escrita da criança.

É nesse quadro que se estruturam os princípios da Sociolinguística Educacional, os quais atravessam, de modo explícito ou subjacente, os estudos reunidos neste dossiê. O primeiro princípio — segundo o qual a escola atua prioritariamente no domínio dos estilos monitorados — encontra respaldo nos trabalhos que discutem práticas de letramento e o ensino de gramática, ao evidenciar que a função da escola não é substituir o vernáculo do aluno, mas ampliar seu repertório linguístico, garantindo acesso às variedades de prestígio como condição de participação em práticas sociais letradas.

De modo articulado, o segundo princípio, que propõe o estudo das variantes socialmente estigmatizadas como forma de conscientização — e não de inferiorização —, é desenvolvido nos artigos que analisam crenças e atitudes linguísticas, bem como naqueles que problematizam a chamada “cultura do erro”. Esses estudos demonstram que os alunos já operam com avaliações sociais da língua, cabendo à escola explicitar os valores sociossimbólicos que as sustentam, deslocando o ensino de uma lógica corretiva para uma perspectiva crítica.

Essa dimensão se aprofunda no terceiro princípio, que insere a variação linguística na matriz social. Os trabalhos que mobilizam categorias como redes sociais, identidade e relações de poder evidenciam que a variação não pode ser compreendida fora das estruturas sociais que a produzem, o que reforça a importância de uma pedagogia culturalmente sensível, capaz de reconhecer e valorizar os repertórios linguísticos dos alunos sem desconsiderar as exigências sociais de adequação.

No plano das práticas de ensino, o quarto princípio — que substitui a dicotomia entre “português culto” e “português ruim” pela relação entre letramento e oralidade — é operacionalizado nas propostas didáticas apresentadas. As sequências de ensino analisadas demonstram que é possível articular oralidade e escrita como práticas complementares, evitando hierarquizações simplificadoras e promovendo uma compreensão funcional dos usos da língua.

O quinto princípio, por sua vez, ao afirmar que a descrição da variação não pode ser dissociada de uma análise etnográfica e interpretativa da interação, é evidenciado nos estudos que investigam práticas reais de sala de aula, produções textuais e materiais didáticos. Nesses trabalhos, a variação é compreendida não como um dado abstrato, mas como um fenômeno situado, cujo significado emerge das condições concretas de uso e das relações estabelecidas entre os interlocutores.

Por fim, o sexto princípio, centrado na conscientização crítica de professores e alunos, constitui o eixo articulador de todo o dossiê. Os estudos indicam que o ensino de Língua Portuguesa, orientado pela Sociolinguística Educacional, não se limita à transmissão de conteúdos, mas implica a formação de sujeitos capazes de compreender as relações entre língua, poder e desigualdade, promovendo, assim, uma educação linguística comprometida com a justiça social.

Dessa forma, o dossiê não apenas homenageia a obra de Bortoni-Ricardo (2005), mas a projeta para novos horizontes. Se, naquele momento, a questão era inserir a variação linguística no ensino, os estudos aqui reunidos demonstram que o desafio contemporâneo consiste em garantir sua efetiva integração às práticas pedagógicas, articulando descrição linguística, consciência sociolinguística, análise crítica e intervenção didática. Trata-se, portanto, de uma continuidade que não é apenas reiterativa, mas expansiva, consolidando a Sociolinguística Educacional como um campo teórico, metodológico e político-pedagógico em permanente desenvolvimento.

Fecham o número artigos e resenhas sobre temáticas diversas, inseridos na seção *Vária*.

Convidamos todos e todas a apreciarem essa edição sem moderação!

*Equipe Editorial*